

PERSPECTIVA DE ANÁLISE (*)

ODE TO EVENING

If aught of Oaten Stop, or Pastoral Song,
May hope, chaste Eve, to soothe thy modest Ear,
Like thy own solemn Springs,
Thy Springs and dying Gales;

O Nymph reserved, while now the bright-haired Sun
Sits in yon western Tent, whose cloudy Skirts,
With Brede ethereal wove,
O'erhang his wavy Bed:

Now Air is hushed, save where the weak-eyed Bat
With short Shrill shriek flits by on leathern Wing,
Or where the Beetle winds
His small but sullen Horn,

As oft he rises, 'midst the twilight Path
Against the Pilgrim born in heedless Hum:
Now teach me, Maid composed,
To breathe some softened Strain,

Whose Numbers, stealing through thy darkening Vale,
May not unseemly with its Stillness suit,
As, musing slow, I hail
Thy genial loved Return!

(*) Trabalho efectuado no âmbito da cadeira de «Literatura Inglesa I» sob a orientação da Dr.^a Maria Leonor Machado de Sousa.

For when thy folding-Star arising shows
 His paly Circlet, at his warning Lamp
 The fragrant Hours, and Elves
 Who slept in Flowers the Day,

And many a Nymph who wreathes her Brows with Sedge,
 And sheds the freshening Dew, and, lovelier still,
 The Pensive Pleasures sweet,
 Prepare thy shadowy Car:

Then lead, calm Votaress, where some sheety Lake
 Cheers the lone Heath, or some time-hallowed Pile,
 Or upland Fallows grey
 Reflect its last cool Gleam.

Or if chill blustering Winds, or driving Rain,
 Forbid my willing feet, be mine the Hut
 That from the Mountain's Side
 Views Wilds and swelling Floods,

And Hamlets brown, and dim-discovered Spires,
 And hears their simple Bell, and marks o'er all
 Thy dewy Fingers draw
 The gradual dusky Veil.

While Spring shall pour his Show'rs, as oft he wont,
 And bathe thy breathing Tresses, meekest Eve!
 While Summer loves to sport
 Beneath thy ling'ring Light;

While fallow Autumn fills thy Lap with Leaves,
 Or Winter, yelling through the troublous Air,
 Affrights thy shrinking Train,
 And rudely rends thy Robes:

So long, regardful of thy quiet rule,
 Shall Fancy, Friendship, Science, rose-lipped Health
 Thy gentlest Influence own,
 And hymn thy favourite Name!

William Collins (1721-1759)

Considerar que o período pré-romântico é época de transição entre Classicismo e Romantismo, é, segundo o meu critério, uma análise muito simplista sobre este assunto. Pré-Romantismo é muito mais que tempo de passagem — é *Corte* com o classicismo, com o equilíbrio, com as regras, com o que é Racional. É *desejo* de sentir, é desequilíbrio, é imaginação, é iniciativa!

Numa palavra, Pré-Romantismo é a raiz da flor que viria a ser o Romantismo. Esta metáfora surge em parte pelo facto de que a Natureza nos seus vários aspectos é uma das linhas de inspiração que mais vincam esta época.

O poeta rivaliza com o pintor na apresentação de um quadro em termos de linguagem. Ele conduz-nos, na sua maneira muito própria, como deseja, às configurações do que escreve.

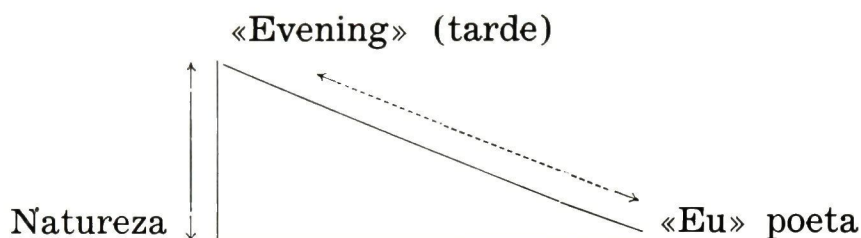
Vivacidade, brilho, frescura de percepção ou uma ligação estrutural do irreal com o real, do sentimento com o abstracto — uma habilidade de seleccionar o essencial de uma cena, de que ele, ao descrevê-la, pode ser somente um medium ou, pelo contrário, fazer-nos vaguear por entre as redes do imaginário e transformar uma paisagem real no que ele deseja.

O título do poema — *Ode to Evening* — é particularmente significativo da época em que foi escrito, porque se refere a uma hora do dia que é de transição, indefinida, em que se sente que alguma coisa acabou, mas não é claro ainda o que se vai passar a seguir. Nesta perspectiva se situa precisamente o Pré-Romantismo.

«Evening» — é o crepúsculo, o cair da tarde, a transição da tarde para a noite. No entanto, por facilidade de expressão, referir-me-ei geralmente a ela apenas como «tarde».

O primeiro passo para uma verdadeira comunicação entre o leitor e o poema é tentar descobrir o verdadeiro «ser» deste, através da análise da sua estrutura de profundidade, ou seja, o esquema que o poeta primeiro elaborou para depois criar a obra literária.

No caso de *Ode to Evening*, de William Collins, foi o triângulo



que esteve na base da criação do poema.

Há uma aproximação «tarde/Natureza», sendo a presença desta mais acentuada nas suas estações, e aparecendo ambas personificadas, metamorfozadas; ao passo que o «Eu» do poeta é projectado num ponto mais distante. Na realidade, não há aqui uma relação íntima «Poeta/cair da tarde», como acontecia várias vezes na poesia pré-romântica.

Dentro de uma extraordinária descrição no campo da Beleza artificial, a tarde é encarnada numa figura feminina, que ora é ninfa, ora é rapariga casta, pura, dócil e reservada, com ouvidos, regaço, tranças, véu e vestidos.

«May hope, *chaste* Eve to soothe thy modest *Ear*»
 «O *Nymph reserved*»
 «Now teach me, *Maid*...»
 «The gradual dusky *Veil*»
 «And bathe thy breathing *Tresses*, meekest Eve»
 «While sallow Autumn fills *thy Lap* with Leaves»
 «Affrights thy shrinking Train
 And rudely rends thy *Robes*».

Também a Natureza não é apresentada de uma maneira convencional, mas sim de uma maneira VIVA, onde um laço une harmoniosamente algo não-humano a emoções humanas.

Assim, temos os ventos que morrem, o Sol com cabelo louro, o Verão que ama, o Outono pálido, a tarde que saúda o calor solitário, os ventos e a chuva que proíbem, o orvalho com dedos que desenham, o Inverno clamoroso que assusta e é rude...

«...and *dying Gales*»
 «While now the *bright-haired Sun*
 Sits in your western tent, whose cloudy *Skirts*»
 «...*cheers* the *lone Heath*»
 «Blustering winds, or driving Rain,
Forbid my willing Feet»
 «The *dewy Fingers draw*»
 «Summer loves to sport»
 «While *sallow Autumn*...
 «or *Winter Yelling*
Affrights thy shrinking Train
 And *rudely* rends thy Robes».

Existe também inovação na medida em que aparecem o Morcego e o Escaravelho, em vez da cotovia ou do rouxinol

«...Save where the weak-eyed *Bat*
 With short shrill Shriek flits by on leathern Wing
 Or where the *Beetle* winds
 His small but sullen Horn».

Há referência a elementos do imaginário como ninfas e duendes:

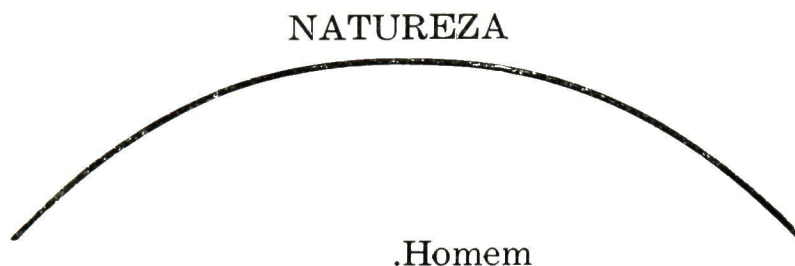
«The fragrant Hours, and *Elves*
 Who slept in Flowers the Day
 And many a *Nymph* who wreathes her Brows with Sedge...»

Em todas as palavras está presente uma veneração da Natureza, que é transportada para o plano da imaginação, do sonho. Há como que uma sensação plástica de pintura, em que o poeta se sente minúsculo no seio de tamanha Grandiosidade, Beleza e Calma.

Ele quer compor uma melodia em louvor do fim da tarde, mas confessa que as notas podem não conseguir ser tão suaves quanto a paz, a calma do vale escuro que lhe serviu de inspiração:

«Now teach me, Maid composed,
 To breathe some softened Strain,
 Whose Numbers stealing through thy darkening Vale,
 May not unseemly with its Stillness suit».

É a visão do homem «abafado» pelo Superior, pelo Belo, pela Natureza.



Esta relação sugere quase um efeito cinematográfico.

A Natureza não é um refúgio. O poeta não procura a calma do crepúsculo para desabafar um caso particular de amor ou recordar. Na realidade, afirma que, quando quer meditar ou sonhar, anseia pelo cair da tarde, mas isto é uma generalidade, não o objectivo principal do poema

«As musing slow, I hail
thy genial loved Return».

A presença do poeta no poema é meramente suplementar, pois tudo gira à volta da NATUREZA.

«Now teach *me*, Maid composed...»
«As musing slow, *I* hail...»
«Forbid *my* willing Feet, be *mine* the Hut»

«The dewy Fingers draw
the gradual dusky Veil».

«Os dedos do orvalho desenhavam o escurecer gradual do Véu» — é para mim quase a síntese do poema. Neste dístico está extremamente explícita a visão do anoitecer, no plano da Beleza artificial. E acho que vem mesmo a propósito a opinião de um crítico literário sobre este poema: «This lovely poem wraps its subject in a glow of Romance».

Poderei quase arriscar a afirmação de que este poema se aproxima da moderna prosa poética, devido em parte à escolha do verso branco.

O ritmo do poema é jâmbico com alternância de 5/3 pés:

«If aught| of Óa|ten Stóp,| or Pás|tòral Sóng|»
 «Like thý| own Só|lemn Spríng|».

À semelhança de tantos outros poemas deste período, eis alguns exemplos de Aliteração, reflexo da elaboração formal que tanto preocupou os poetas neoclássicos, cujas doutrinas fizeram sentir a sua influência por todo o século XVIII:

«Short Shrill Shriek»
 «Small but sullen»
 «Some softened Strain»
 «its Stillness suit»
 «Pensive Pleasures»
 «ling'ring Light»
 «rudely rends thy Robes».

Ode to Evening é um poema elucidativo da época pré-romântica, embora extremamente inovador dentro dessa mesma época.

Interliga elementos não-humanos com emoções humanas na descrição de uma Natureza personificada; a presença do poeta passa quase despercebida, pois o objectivo principal do poema é homenagear a Beleza Superior do cair da tarde, tarde essa que não é procurada como confidente, mas sim venerada pela sua Grandiosidade.

Mesmo para lá da escolha da rima branca, este poema afasta-se das convenções estabelecidas de uma época e abre o caminho para uma nova «Era da Poesia».

ANABELA CARROLA DOS SANTOS